



A PROPAGAÇÃO DE FALSAS CURAS DA COVID-19 EM ÁFRICA E O CONTRIBUTO DO JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO: UM EXEMPLO DO GANA

The spread of COVID-19 false cures in Africa and the contribution of investigative journalism: an example from Ghana

Autor **Pedro Eduardo Oliveira Ribeiro¹**
Universidade do Minho
pedurib@gmail.com

Resumo Na sequência do desenvolvimento da pandemia do SARS-CoV-2, entretanto designado por Coronavírus, a busca para uma vacina da doença associada, a COVID-19, tem sido mundialmente encarada como um desafio. Neste sentido, profissionais do campo da Saúde e de outros campos, têm tentado procurar curas alternativas, embora nem sempre sejam benéficas. O presente artigo propõe uma análise de conteúdo da reportagem 'Coronavirus: Ghana 'quack doctors' selling 'cure' – em português, 'Coronavírus: 'médicos charlatões' do Gana que vendem 'curas' –, produzida pela BBC e conduzida pelo jornalista Anas Aremeyaw Anas. Definiram-se e exploraram-se categorias temáticas a partir desta peça jornalística, tendo estes sido: a desinformação nos média tradicionais, a interferência da espiritualidade nas práticas da saúde e o jornalismo de investigação como forma de combate da informação falsa. Com este artigo, debate-se como este tipo de jornalismo pode contribuir para o combate à desinformação nos média, originada pelas crenças associadas à espiritualidade no continente africano e, em especial, no país ganês, no qual se foca a reportagem em análise.

Palavras-chave Desinformação nos média tradicionais; jornalismo de investigação; saúde e espiritualidade; Gana; África

¹ Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Portugal.
ORCID ID - <https://orcid.org/0000-0001-7101-0570>

Abstract Regarding the expansion of the SARS-CoV-2 pandemic, posteriorly named by Coronavirus, the aim for a vaccine for its disease, COVID-19, has been faced as a worldwide challenge. Therefore, either health professionals or not have been trying to conceive alternative cures, including life-threatening ones. This article suggests a content analysis of the report 'Coronavirus: Ghana 'quack doctors' selling 'cure'', produced by BBC and conducted by the journalist Anas Aremeyaw Anas. This journalistic work was explored through three thematic categories: traditional media disinformation, interference of the spirituality on the medical practices, and investigative journalism as a way of staving off fake information. The following article debates on how this type of journalism can contribute to fight against media disinformation, generated by beliefs related to the spirituality that currently remains in the African continent and especially in the Ghanaian country, in which the report under analysis focuses on.

Keywords Traditional media disinformation; investigative journalism; spirituality and health; Ghana; Africa

1. Uma pandemia e um continente sob alerta

Duas semanas depois de a epidemia do Coronavírus ser elevada a pandemia², o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) referiu, num encontro de especialistas em política e segurança internacional: “Nós não estamos apenas a combater uma epidemia; estamos a combater uma infodemia” (The United Nations Department of Global Communications, 2020). Na mesma linha de pensamento, o dirigente deixa claro que as *fake news* “se espalham ainda mais rápido do que este vírus” (The United Nations Department of Global Communications, 2020). De acordo com Sheeren, Khan, Kazmi, Bashir & Siddique (2020), a área de emergência da COVID-19 – doença associada

² O anúncio foi inicialmente feito na página oficial da rede social Twitter da Organização Mundial da Saúde. Retirado de <https://twitter.com/WHO/status/1237777021742338049?s=20>

ao SARS-CoV-2, nome científico atribuído ao Coronavírus na sequência da variação da sua genética de um primeiro – foi em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Desde então, tem-se difundido por todo o mundo.

O presente artigo trata de perceber um caso no Gana, enquanto país africano, que procura dar a conhecer uma realidade concreta, enquanto parte do fenómeno global. Para o efeito, coloca-se em análise a reportagem ‘Coronavirus: Ghana 'quack doctors' selling 'cure' – em português, ‘Coronavírus: 'médicos charlatões' do Gana que vendem 'curas' –, inserida numa série de reportagens designada de ‘Africa Quacks’ – em português, ‘Charlatões de África’ (Anas, 2020).

Como consequência, dá-se o mote para o artigo: a promoção de tratamentos para a COVID-19 via meios de comunicação social e o contraponto do jornalismo de investigação sobre eles. Como podem os média tradicionais contribuir para a desinformação da Ciência? Qual é o contexto sanitário no Gana neste sentido e em que medida a religião e a espiritualidade podem pesar nas suas práticas? Que contributo pode o jornalismo ter no reportamento de casos que visam materializar a desinformação da Ciência através da prática de crimes, como a ilegalidade na disponibilização e comercialização de determinados produtos não certificados? Estas são algumas questões a que o presente trabalho procura responder. Objetivamente, este trabalho procura perceber como a desinformação pelos média tradicionais pode acontecer, além da mais proeminente desinformação nos meios digitais, explorar como o contexto cultural dos eventos comunicativos, neste caso, o ganês, interfere na forma como se consome a informação transmitida, recebida sob a forma de mensagens, e, por fim, analisar como o trabalho do jornalista de investigação procura combater a informação falsa produzida. Estes objetivos permitiram fazer uma revisão da literatura e definir os temas a que se lhe podem associar, para se que se pudesse proceder à análise devida.

2. A desinformação nos média

A publicitação inicial que a reportagem declara, através de uma estação de rádio, leva à necessidade de uma compreensão do fenómeno de desinformação nos média (Anas, 2020). Com efeito, aqui garantir-se-á uma base teórica de sustentação que vise uma maior compreensão de como os média transmitem a informação e esta pode ser recebida e entendida para ser respondida ora mais ora menos explicitamente.

Antes de se compreender a desinformação em si, revela-se pertinente fazer uma breve nota sobre o conceito de informação. Recuperando algumas ideias dos estudos da Comunicação, “informações, e não dados, constituem o material bruto para o pensamento, a tomada de decisões” (Thayer, 1979, p. 46), levando a constatar que “a informação é o conteúdo da mensagem” (Silva, 2000, p. 701), mesmo que não implique uma resposta explícita (Thayer, 1979). Pragmatizando numa abordagem ligada aos média, pode tomar-se o termo ‘informação’ para se fazer referência “ao conteúdo representacional que é falso, bem como ao conteúdo representacional que é verdadeiro” (Fallis, 2015, p. 406). Resumidamente, a informação consiste num tipo de conteúdo, que representa quer ideias que correspondem à realidade quer ideias que não correspondem à realidade, que, por sua vez, constitui uma determinada mensagem.

Partindo do parágrafo anterior, reverte-se o termo ‘informação’ para o termo ‘desinformação’. Uma definição do mesmo vocábulo aponta para toda a “informação enganosa que tem a função de deturpar” (Fallis, 2015, p. 422). Outra definição remete para as “mentiras intencionadas espalhadas como conteúdo noticioso ou formatos simulados de documentários para levar a determinados resultados políticos” (Bennett & Livingston, 2018, p. 124). Vê-se em comum a estas ideias convocadas que desinformar é levar à adoção de informação que manipula, de algum modo, aquela que é a socialmente real, cujos fins são danosos.

A desinformação é academicamente concebida como decorrente da transmissão de mensagens através dos meios de comunicação social, mais recentemente atentada pela sua vertente digital, mas já historicamente reconhecida como um fenómeno (Fallis,

2015). Neste sentido, Tsfati et al. (2020) dão conta de que os meios mais tradicionais são também parte do fenómeno, reforçando que estes nem sempre são vistos como tal; antes, como “portadores da verdade e da exatidão dos factos” (Tsfati et al., 2020, p. 158). Nem sempre estes são tidos em conta como credíveis sobretudo por fornecerem, por vezes, visões partidarizadas dos acontecimentos. Freelon e Wells (2020) exemplificam com a doutrina da justiça da Comissão Federal de Comunicações dos Estados Unidos, conhecida como a “Fairness Doctrine” (FCC), que obriga as estações de rádio a uma presença equitativa no debate político. Mostram, com este exemplo, como as rádios lucraram ativamente com a inclusão de pessoas do campo político, o que levou a uma certa partidarização das estações, e perderam, entretanto, com o emergir das tecnologias digitais. Esta partidarização mostra que há uma desaproximação do sentido de neutralidade do meio. Este ponto é relevante para o presente trabalho, uma vez que é com uma comunicação radiofónica que se divulga um tratamento alegadamente curativo da COVID-19, que se vem a revelar o contrário com a reportagem que se procura analisar. Compreende-se, por conseguinte, que o processo desinformativo vai além dos meios digitais, tendo fins igualmente danosos e em plataformas até mais tradicionais, procurando públicos que se possam identificar com as mensagens a transmitir.

Tendo em conta o quadro teórico apresentado nesta secção, assume-se como fundamental uma explanação devida sobre a desinformação no campo da saúde e a compreensão do caso do Gana, país abrangido pela reportagem que procura ser analisada, e da influência da cultura e dos valores religiosos neste processo.

3. A saúde e a espiritualidade no Gana

Este artigo adota a perspetiva de que “[...] o estudo da comunicação implica o estudo da cultura na qual ela se integra” (Fiske, 1990, p. 14). A reportagem supracitada mostra que há uma ligação socialmente presente por parte das pessoas à religião e à espiritualidade no país. A título de exemplificação, são citadas duas figuras, uma profeta

e um bispo com alguma visibilidade e que acabam por interferir com a procura por cuidados médicos (Anas, 2020). Com esta secção, por ser importante estudar o contexto cultural para se perceber como comunicar, pretende-se apresentar alguns apontamentos no âmbito da comunicação, saúde e espiritualidade, tanto a nível continental, de África, como a nível nacional, do Gana. Globalmente, há uma relação afastada das pessoas com o conhecimento ligado à Medicina, pois as práticas sanitárias nem sempre são entendidas pela sociedade civil, dada a sua complexidade inerente e a ansiedade daí resultante. Em grande parte, esta última é potenciada pelos média, sobretudo se “o assunto é doença grave e ameaçadora” (Henriques, 2018, p. 10). Como tal, Freckelton (2020) aponta a relevância dos governos do zelo pela harmonia social. No entanto, Ogola (2020) expressa a resistência tendencial das pessoas e os constrangimentos políticos dos Estados africanos no controlo das mensagens comunicadas. Há que lembrar ainda que a desinformação conduz à ameaça da informação cientificamente produzida (Fallis, 2015; Bennett & Livingston, 2018).

Em articulação com o parágrafo anterior, é de reforçar a importância da comunicação de saúde, sendo a sua meta final “ajudar a melhorar a saúde dos indivíduos e das populações” (Parott & Kreuter, 2011, p. 16). Apontando para a emergência da COVID-19 como coincidente com tempos de transformações políticas e sociais, Nan & Thompson (2020) explicam que deve ser um dos principais objetivos da comunicação de saúde promover comportamentos de redução de risco através de mensagens que procurem moldar as perceções e atitudes de risco públicas. Estando esta ligada a uma área emergente nas últimas duas décadas, que é a comunicação de ciência (Trench & Bucchi, 2010), Magalhães e Ruão (2018) dão conta da necessidade de um envolvimento com o público de forma ativa e dinâmica, sob os diversos canais, de forma a aproximar mais as pessoas aos desenvolvimentos da Ciência.

Da comunicação de saúde e de ciência para a Comunicação. Por meio de estudos de referência no campo disciplinar desta última, revela-se fundamental oferecer uma exposição em torno da comunicação humana, visto que se procura analisar como se produzem mensagens mediáticas e quais as reações delas resultantes. Sem esquecer o

começo desta secção, em que se aponta para a compreensão da comunicação como a compreensão do contexto cultural em que ela se insere, assume-se aqui que os signos, construções de significado sobre artefactos ou atos, e os códigos, organizadores e determinadores da relação dos signos uns com os outros, estão envolvidos na comunicação. Como consequência, decorre a “interação social através de mensagens” (Fiske, 1990, p. 14). Como já vista acima, a noção de ‘informação’ de Thayer (1979) vai neste sentido, pois é vista como aquilo que leva às atitudes e aos comportamentos, isto é, à produção da mensagem, verbal ou não verbal, que, como refere Silva (2000), é composta pela informação. A comunicação pode ser vista quer como um processo, em que se trocam mensagens entre as pessoas, quer como uma “produção e troca de significados” (Fiske, 1990, p. 14). Sendo que ambas as escolas, processual e semiótica, respetivamente, oferecem noções de Comunicação, ambas se complementam, mas, no essencial, reside a ideia de que a comunicação se desenvolve numa estrutura que é dinâmica.

Convoque-se ainda a ideia de *feedback*. Enquanto processo de “transmissão da reação do recetor de volta ao emissor” (Fiske, 1990, p. 38), este tem uma função adaptadora e direcionada a quem se procura que seja o destino da mensagem (Fiske, 1990). Este processo dentro da comunicação ajuda àquilo que Thayer menciona, argumentando a importância de a mensagem recebida ser entendida: “Sempre que houver comunicação humana haverá inevitavelmente um ou mais indivíduos levando em conta alguma coisa” (Thayer, 1979, p. 45). Em jeito de apontamento, considerada a percepção como forma de gerar mais percepções (Gerbner, 1956), da mesma forma que se difunde informação, também se difunde desinformação, via percepções formadas e promovidas. Feito este enquadramento no que concerne à comunicação humana, atente-se em algumas questões de saúde no contexto africano.

Numa tentativa de integrar a medicina tradicional nos sistemas de saúde do continente, a OMS tem guiado as condutas médicas adotadas aos níveis instrutivo e técnico, com vista a assegurar uma mais fácil validação dos recursos da medicina natural no continente (WHO Africa, 2019). Em África, existem dois tipos de praticantes da

designada medicina tradicional: “[...] 1) aqueles que a praticam sem invocar uma causa sobrenatural, incluindo-se aqui herboristas, auxiliares do parto tradicional e ortopedistas; e 2) aqueles que se regem pela explicação sobrenatural, independentemente de recorrerem a remédios materiais” (Azmat et al., 2008, citados em Barimah, 2016, p. 1). Apesar de muitas dificuldades, tem-se assistido a um esforço em progredir do ponto de vista económico, no que toca à preparação dos países para cenários menos expectáveis (Nsiah, 2020, p. 5). A divisão entre a tradicionalidade e a crescente cientificidade da Medicina em África é cada vez mais um foco de atenção para instituições internacionais de âmbito global, bem como para os próprios países, ainda que haja uma preocupação com as questões culturais dos mesmos. Devem também ser levadas em consideração as fragilidades de cariz económico, ainda que se esteja a verificar uma mudança importante nas últimas décadas.

No âmbito da reportagem que será explorada, acresce a necessidade de se particularizar a contextualização para o país ganês. No Gana, a saúde está dividida em dois tipos de concepções: a biomedicina, que está ligada aos trâmites da medicina europeia, e a medicina tradicional ganesa, que está ligada a crenças transcendentais da população do país (Barimah, 2016). Na ótica de Adu-Gyamfi (2015), apesar da força das tradições mais comunitárias que causa entraves, a Medicina tem assistido a um desenvolvimento na última década, por força de reivindicações que têm decorrido no seio da comunidade científica, fazendo com que se comecem a afastar práticas mais ancestrais e a demonstrar a sua ineficácia em relação a certas patologias. De acordo com Adinkrah (2017), muito embora haja uma prevalência religiosa do Islamismo e do Cristianismo, alguns rituais espirituais mais antigos ainda são levados a cabo, sobretudo nas áreas mais rurais (Adinkrah, 2017). Em resumo, no Gana, ainda é dado um valor considerável aos seus antepassados e às suas tradições, “que são considerados omnipresentes, capazes de influenciar o curso dos eventos do dia a dia e capazes de servir de intermediários entre a vida na superfície terrestre e os deuses” (Boateng, Fage, Davies & Maier, 2020).

Notando nas questões espirituais descritas, há práticas que desvirtuam os trâmites científicos e que podem colocar em causa vidas humanas, aspeto que a peça analisada neste trabalho tem como base. Precisamente no caso ganês, dá-se a existência de agentes de bruxaria, o que leva ao charlatanismo³ (Adinkrah, 2017, p. 15), isto é, a adoção de procedimentos não habilitados a exercerem medicina de forma cientificamente rigorosa⁴. Não deixa de ser pertinente apontar que um estudo antropológico de Hornberger (2019) conclui que as práticas charlatãs podem ver nas conexões globais uma oportunidade para se expandir. Se, por um lado, é nas comunidades mais ligadas à espiritualidade, tendencialmente mais remotas, que este fenómeno tem a sua força, é também no decorrer do processo de globalização que ele se pode fortalecer.

Tendo como base o enquadramento ganês, será relevante exemplificar casos de charlatanismo. Um destes exemplos foi uma *tour* que percorria algumas cidades nos EUA e em Londres de um padre oriundo do Gana, o que ajuda a reforçar a noção de que a globalização também ajuda neste processo (Hornberger, 2019). Segundo Elizabeth Ohene, uma jornalista ganesa, o pároco cobraria de 900\$ a 1000\$ por uma reza especial, num espaço apenas dedicado a esta especialidade, alegando poderes especiais de conexão com Deus (Ohene, 2011). No entanto, também em contexto escolar, o charlatanismo pode ter lugar. No mesmo país, a Igreja Pentecostal foi noticiada por apostar em várias escolas como forma de reparar falhas materiais, sob o pretexto de alocar nelas padres que transmitissem a crenças “mensagens de condenação iminente” (Kaledzi, 2016).

³ A expressão ‘práticas charlatãs’ representa o termo inglês ‘quackery’.

⁴ Um dos significados (número 4) do Priberam remete para o “que ou quem exerce medicina de maneira incompetente ou sem estar habilitado”. Retirada de <https://dicionario.priberam.org/charlat%C3%A3o>

O fenómeno a que o parágrafo antecedente confere destaque encontra várias formas de se realizar, ora de modo mais exposto ora de modo mais subtil, sobretudo, como já visto acima, em áreas mais afastadas das cidades. Ainda assim, nos centros urbanos, as comunidades mais conservadoras podem mostrar adesão, relevando a necessidade de uma divulgação mais rigorosa e entendível da Medicina e da Ciência (Trench & Bucchi, 2010), bem como de uma divulgação daquilo que são práticas sociais adequadas de prevenção (Parott & Kreuter, 2011; Nan & Thompson, 2020). Inclusive com a pandemia da COVID-19, vários países viram medicação ilícita a ser promovida, o que se insere também na categoria de charlatanismo (Freckelton, 2020).

Sinteticamente, se são as mensagens que possibilitam as interações sociais, pela comunicação das primeiras, esta última implica produzi-las e recebê-las, num processo de constante dinâmica, com base no conjunto de significados e referências a que se associa o contexto onde isto decorre. Tratando-se de uma peça jornalística o ponto de partida do presente trabalho, as considerações já feitas até este ponto, relacionadas com o teor daquela, direcionam a sua abordagem para uma compreensão dos propósitos do jornalismo de investigação e como este pode interferir no quotidiano político e societal. Proceda-se, então, a uma explanação desta modalidade jornalística.

4. O jornalismo como investigação

Esta secção ambiciona dedicar algum espaço a uma revisão de literatura em torno do jornalismo de investigação, trazendo algumas ideias em torno da produção de conteúdos jornalísticos. Esta decisão vem no seguimento de entender a dinâmica da construção de informação neste contexto, bem como a peça em análise como concebida por um “jornalista de investigação” (Anas, 2020).

Como apontamentos teóricos em torno da produção jornalística, procurou-se reunir aqui algumas ideias da concepção de Ericson et al. (1987), citada em McQuail & Windahl (1996), sobre a produção de peças noticiosas. O respetivo modelo é descrito como “um processo de duas fases [as organizações e as empresas dos média]” (McQuail

& Windahl, 1996, p. 177). São os eventos socialmente ocorridos que levam à produção de notícias como ‘eventos de comunicação’, sendo que este processo implica uma série de critérios e filtros, tanto da parte das fontes como do meio que procura criar a notícia. Da mesma forma, as fontes, que podem ser, entre outras, empresas ou departamentos governamentais, selecionam previamente eventos para os meios de comunicação social, filtrando de acordo com fatores quer técnicos quer ideológicos. Esquemáticamente, de um lado, as fontes, do outro, os repórteres, e, ao meio, a partilha de interesses, que corresponde “ao canal de comunicação entre ambas as partes”, isto é, “o meio da fonte”, a que se podem equivaler as entrevistas a título exemplificativo (McQuail & Windahl, 1996, p. 178). Se a comunicação é um processo de interação dinâmica por mensagens e resulta na produção de sentido (Fiske, 1990), o ou a jornalista procurará igualmente produzir uma mensagem que visa a captação de atenção, o “levar em consideração” (Thayer, 1979, p. 44) por parte de uma audiência, mesmo que não se despoletem respostas concretas por parte desta.

A prática investigativa do jornalismo implica uma exposição do resultado do tratamento de informação. Esta pode ser ora deliberada ora acidental, desde que procure informar sobre os factos de relevância pública (Hunter et al., 2020). Mascarenhas (2009), que acaba por comparar este trabalho àquele que fazem detetives policiais, concebe que “o jornalismo de investigação, mais do que assegurar a verdade dos testemunhos, garante a verdade dos factos, depurada mediante a verificação e confronto de fontes” (Mascarenhas, 2009, p. 86). Na ótica de Darko (2020), o mesmo “desempenha um papel preponderante em providenciar a uma sociedade a deteção e a exposição da corrupção, melhorar a transparência e fortalecer a opinião pública” (Darko, 2020, p. 3). Numa definição inicial, o jornalismo de investigação ambiciona apurar e expor factos de interesse geral, que estejam mais afastados da visibilidade pública, como forma de providenciar informação rigorosamente factual à sociedade.

Como “procura situações ocultas ou deliberadamente escondidas, que oferecem alguma forma de resistência a serem reveladas” (Mascarenhas, 2009, p. 86), o tipo de jornalismo em análise comporta alguns constrangimentos. Entendendo que o jornalismo

enfrenta o desafio de ser sustentável e urgindo o resgate do jornalismo de investigação, Coelho e Silva (2018) veem a Internet como uma forma obsessiva de obtenção de retorno financeiro rápido, que depende do ato de clicar por parte da comunidade leitora. Além disso, a mesma autoria aponta para a atenção e o detalhamento redobrados que o jornalismo desta natureza implica, contrapondo com a redação e publicação de notícias. Mais que o económico-financeiro, o político é também um fator de peso. A título de exemplo, num estudo levado a cabo na Nigéria, Duru (2020) conclui que as políticas governamentais do país impedem que determinadas investigações jornalísticas sejam levadas a cabo. Sinteticamente, alguns dos constrangimentos podem ser de ordem económico-financeira, espacial, no que toca à plataforma de publicação, seja física, seja digital, e até pessoal. Considerem-se ainda constrangimentos no que toca à assunção do trabalho e respetivas responsabilidades por parte da autoria do trabalho (Mascarenhas, 2009), sem esquecer as suscetibilidades a nível político.

Neste sentido, surge como pertinente uma enunciação de alguns desafios para o futuro no âmbito desta secção. Numa perspetiva global, Coelho e Silva (2018) recorrem a Cagé (2016) para sustentarem a ideia atual do jornalismo diretamente ligada ao capitalismo, argumentando ainda, entre outros aspetos, que os modelos de negócio atuais estão muito dependentes do mercado de forma direta, pelo que deste se devem libertar, e que deve haver um cruzamento de interesses entre o Estado e o mercado, como forma de gerir conflitos de interesses. No caso concreto do Gana, Darko (2020) entende que deve ser potenciada a formação educativa ligada ao jornalismo de investigação por parte das instituições ligadas ao campo jornalístico no país (Darko, 2020, p. 17). Postas estas considerações, tanto as questões económico-financeiras como as questões políticas devem ser tidas em conta, bem como as educacionais, procurando gerir a sustentabilidade e a força desta área, que busca apurar factos escondidos da esfera pública e que, direta ou indiretamente, a afetam.

Com todos pressupostos incluídos nesta e nas duas secções antecedentes, reúnem-se as condições para se proceder a uma análise descritiva da reportagem que procura ser o objeto de análise deste artigo. Convém reter que a análise incidirá sobre

os processos do jornalista na construção de informação jornalística que procura contrariar aquela que foi veiculada por outro meio jornalístico, nomeadamente radiofónico, com um espaço de divulgação. Antes disso, têm-se em consideração algumas questões metodológicas.

5. O objeto de estudo e a metodologia

Esta secção procura explicar as etapas metodológicas adotadas para a elaboração deste artigo. O estudo que o compõe e o solidifica consistiu em analisar descritivamente a reportagem para, em seguida, ser feita uma análise de conteúdo sobre a mesma. Este procedimento analítico esteve na base do mesmo estudo, que será, então, fundamentado seguidamente.

A análise de conteúdo pode inserir-se quer em abordagens quantitativas quer em abordagens qualitativas, sendo que este artigo se insere no grupo destas últimas. O recurso a técnicas de análise qualitativas prende-se muito com o seu foco:

[...] os objetivos da pesquisa de carácter qualitativo estão geralmente direccionadas com providenciar um entendimento aprofundado e interpretativo do mundo social, por via da aprendizagem em relação às circunstâncias sociais e materiais das pessoas, as suas experiências, perspetivas e histórias. (Snape & Spencer, 2003, p. 22)

É na comunicação humana, complementando com o ponto de vista da produção de mensagens jornalísticas, realizadas por um jornalista, um ser humano, que este artigo procura focar-se, tendo em conta que estas se dirigem a uma audiência que as irá receber contextualmente e produzir respostas em relação a elas, quer mais explícitas quer menos explícitas. Esta ideia, obtida através da revisão da literatura, demonstra, desde logo, a pertinência do respetivo uso e da adoção deste percurso metodológico.

Uma vez que se procurou escrutinar o conteúdo de uma reportagem de modo a analisar temas que dele se podiam extrair, decidiu-se proceder a uma análise de conteúdo. Bardin (1977) define-a como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 1977, p. 38). Sendo que é na comunicação, sobretudo do ponto de vista da produção de mensagens, que se foca este trabalho, e que à reportagem se associa um código “icónico” (Bardin, 1977, p. 35) enquanto produto fílmico, e a partir do qual se pretendem compreender as suas “mensagens (comunicação)” (Bardin, 1977, p. 46), considera-se, deste modo, adequada a escolha. Quivy e Campenhoudt (2008 [1992]), que também expõem a análise de conteúdo, referem que incide também, por exemplo, em “programas audiovisuais” (Quivy & Campenhoudt, 2008 [1992], p. 226). Estes autores focam-se, contudo, em tipos de análise mais desenvolvidos para abordagens quantitativas, ao passo que Bardin (1977) convoca diferentes tipos de análises com aplicações em abordagens de carácter qualitativo.

Entende-se que, uma vez que o foco está na reportagem como produção jornalística e na sua relação com o contexto, do ponto de vista do processo de produção jornalística como processo de comunicação, o estudo mais adequado neste trabalho é ao nível do conteúdo. A abordagem do texto literal e não além do literal (o não dito), a observação neutral e o foco na dinâmica processual, ainda que potenciadora de significações, fazem com que esta abordagem analítica faça mais sentido do que, por exemplo, a Análise Crítica do Discurso (Pinto-Coelho, 2019).

Especificando, quanto à técnica de análise utilizada, esta foi a categorial. Aplicando-se “a discursos diretos (significações manifestas) e simples” (Bardin, 1977, p. 153), a análise temática, que é uma forma de categorização, consiste em separar o objeto de análise em categorias temáticas. Neste caso, tendo sido a categorização temática a escolhida, definem-se categorias de análise: o papel da desinformação nos média tradicionais, a saúde e ligação à espiritualidade no Gana e o jornalismo de investigação como denúncia de informação falsa. De acordo com as etapas que Bardin (1977) define,

procedeu-se à pré-análise, tendo-se explorado o material e procedido ao tratamento dos resultados, sob as categorias identificadas, que está presente na secção que se segue.

6. Análise e discussão da reportagem

Na presente secção, tendo em conta a visão metodológica já exposta, será feita a análise de conteúdo da reportagem da BBC ‘Coronavirus: Ghana 'quack doctors' selling 'cure’ (Anas, 2020). A peça jornalística reporta para o caso de dois médicos no Gana que foram detidos pela alegada promoção e comercialização de um produto líquido que era apontado pelos próprios como a cura para a COVID-19.

Em primeiro lugar, no que concerne à desinformação, trata-se da deteção de um produto não cientificamente comprovado e, de acordo com a reportagem, que estava a ser promovido e comercializado. Depois, no que concerne à saúde e à espiritualidade no Gana, trata-se da ligação a supostas curas, desprovidas de qualquer base científica e comprovadamente conectadas a questões transcendentais. Por fim, no que concerne à parte do jornalismo de informação, por se tratar de um jornalista de investigação, como menciona a explicação textual gráfica associada à reportagem vídeo, e, de acordo com a revisão de literatura antes apresentada, a reportagem segue os princípios daquilo que é o jornalismo de investigação. Com isto, prossiga-se para a realização da análise propriamente dita.

Anas Aremeyaw Anas é o jornalista que assina a reportagem, que surge com a face coberta, de modo a proteger a sua identidade ‘dos criminosos que traz a público’ (Anas, 2020). Segundo Darko (2020), o mesmo profissional já conta com mais de uma década de trabalho investigativo no país, tendo este vindo a ser cada vez mais visto e reconhecido. Daqui, parte-se para alguns pormenores do contexto sobre a saúde e da forma como é vista no país ganês, algo teorizado anteriormente. São apresentados dois curandeiros. A profetisa Oluwaniyi, que agarrando uma planta, afirma: “Eu trouxe a cura para o Coronavírus” (Anas, 2020). Depois, segue-se um vídeo de um bispo, de nome Sam Zuga, num auditório com várias pessoas, recorrendo a vários movimentos corporais

e sonoros, alegadamente afastadores de maledicências, como o vírus. O mesmo bispo expressa que “o Coronavírus pode enfraquecer e morrer” (Anas, 2020). Estes dois casos comprovam que ainda há seguidores deste tipo de práticas, tal como se viu mencionado previamente por Adinkrah (2017). Deve ser lembrada a concepção dual das práticas médicas no contexto ganês de Barimah (2016): por um lado, uma medicina mais moderna e a acompanhar os progressos científicos, e, por outro lado, uma medicina mais tradicional e a acompanhar práticas espirituais, ancestralmente adotadas.

A realidade chega a ser flagelante, de acordo com o que avança o repórter responsável pela peça. Apontando as alegadas curas como perigosas, é notado que “a OMS estima que 140 mil pessoas morram todos os anos como resultado da sua utilização em África” (Anas, 2020). Tendo em conta que a adesão ainda é significativa, como visto no parágrafo anterior, o negócio acabará por resultar, incitando a mais mortes. Perigos associados à ligação aérea com países estrangeiros, como a China (Gilbert et al., 2020), área geográfica de emergência do vírus (Sheeren, Khan, Kazmi, Bashir & Siddique, 2020) e a falta de investimento em estruturas de saúde e preparação para potenciais surtos pandémicos (Ogola, 2020) acabam por também reforçar aquela ideia.

Percorrendo o teor da reportagem em si, tudo começa com um anúncio numa rádio ganesa, em que o produto e um contacto telefónico é anunciado por um dos médicos. Aqui, o médico, apelidado por Abdellah e apontado como “clínico herbal da COVID-19” (Anas, 2020). O locutor questiona-lhe a certeza do produto que anuncia, ao que Abdellah responde que o nível de confiança é 99,9% e, entretanto, menciona que este, contudo, não estará à venda e que está à espera de aprovação por agências, de forma a não arriscar ser criminalizado.

Se se recordar o raciocínio de Fiske (1990), entende-se que as vias de comunicação importam tanto no processo de comunicação como na criação de significado. Em África, a rádio representa um meio de comunicação que permite comunitariamente a transmissão de um maior conhecimento da realidade e a providência de uma maior capacidade de intervenção nos mais diversos domínios temáticos (Barros

& Camará, 2015). De acordo com Tsftati et al. (2020) e Freelon e Wells (2020), os meios mais tradicionais conquistam mais facilmente a confiança de quem os consome, uma vez que têm o estatuto de serem verdadeiros e factuais, naquilo que transmitem. Apesar disso, nem sempre a rádio e outros meios de comunicação social mais tradicionais são vistos como portadores de desinformação (Tsftati et al., 2020). Também Fallis (2015) indica que tanto os meios em contextos virtuais como os meios em contextos físicos acabam por incorrer no risco de desinformar, sendo que desinformar significa informar de modo deliberadamente danoso. Retendo que a informação compõe a mensagem (Silva, 2000) e que esta leva à tomada de decisões (Thayer, 1979), constata-se que há o risco de uma transmissão de uma mensagem pouco correspondente à realidade científica, tendo em conta que os produtos anunciados na estação de rádio não foram alvo de qualquer tipo de teste, muito embora o médico que foi à mesma tenha dito estar a aguardar pela certificação da autoridade para o efeito.

De modo a prosseguir com a sua investigação jornalística, Anas (2020) decide contactar um número móvel que acaba por ser anunciado no programa radiofónico, do qual teve conhecimento sobre o produto alegadamente apontado como a cura para a COVID-19. Usa o pretexto de que o seu irmão está doente. Consequentemente, é-lhe indicada uma morada, onde procura encontrar-se com o médico. O destino é uma casa onde está esse médico mais um acompanhante. Sem esquecer a cobertura da sua face, a utilização de uma câmara oculta faz parte da forma de ação do repórter, no que toca à recolha de informação. Relativamente à questão do recurso a este tipo de equipamentos como forma de obter informações, Mascarenhas (2009) alerta quer para a ilegalidade geral de técnicas deste tipo quer para a perigosidade dos caminhos a que pode levar este tipo de práticas. Ainda que apele ao debate em torno do uso de câmaras ocultas nas conclusões do seu estudo, Darko (2020) entende, porém, que, em casos específicos, o mesmo uso é a única maneira de apurar factos.

Graças ao recurso a um sistema de gravação de vídeo oculto, obtêm-se percepções diferentes daquelas que se obtêm com o anúncio na rádio. Se, na rádio, um dos médicos, Abdellah, mencionava que o nível de confiança era total e que aguardava

pela aprovação das autoridades de saúde, perante o jornalista, as palavras são outras. Afirma o mesmo médico que foi à rádio: “O produto não precisa de testes porque nós [os dois médicos] sabemos do seu potencial” (Anas, 2020). A argumentação também passa por reforçar que não houve qualquer *feedback* (Fiske, 1990), mensagens diretamente responsivas à autoria da alegada cura, negativo, incluindo da parte de pessoas famosas. Havia inclusivamente quem deixasse o hospital e dependesse do produto para obter a cura, após a sua ingestão, segundo o médico, na totalidade dos casos.

Numa segunda vez, após contactado várias vezes para levar consigo mais garrafas do que aquelas que tinha levado, Anas descobre mais de 100 exemplares do produto e poderes espirituais por parte de um dos médicos, que diz que se defendeu de uns duendes quando estes o tentaram atacar, por ser “invencível” (Anas, 2020). Denota-se aqui uma propensão para a resignação à testagem, segundo os moldes científicos, bem como a partilha de uma devoção a crenças transcendentais, logo, não científicas. Basta recordar o raciocínio de Adinkrah (2017) sobre a existência de alguns rituais espirituais no Gana e a sua conduta charlatã, que, como se explicou anteriormente, passa por uma conduta com uma base excludente do rigor dos trâmites científicos. No contexto da reportagem, trata-se de efetuar uma troca de um produto não testado por uma determinada quantia monetária.

Numa primeira vez, o jornalista leva duas garrafas; numa segunda, é aliciado a levar uma quantidade maior, até que o caso chega às autoridades de saúde nacionais pela própria equipa de reportagem. Na casa, foram descobertas doses em quantidades industriais, que seriam, segundo os médicos, para fins de testagem e não para fins comerciais. Tal é indicador de que havia uma procura que justificava tais quantidades produzidas. O raciocínio de Henriques (2018) pode ser aqui recuperado: se a gravidade e a ameaça de uma dada doença podem ser danosas no que toca à forma como se divulgam práticas médicas em torno da mesma, ainda pode ser pior quando a situação assume proporções de uma grande escala epidémica. No entender de Seytre (2020), contudo, têm existido algumas falhas de comunicação da OMS na região africana, no

âmbito do Coronavírus, que não vão ao essencial de alguns pontos, tais como a hipótese cientificamente comprovada da sua transmissão via objetos ou conversação com pessoas. Daqui, retome-se a importância mencionada na secção ‘A saúde e a espiritualidade no Gana’ quer da comunicação de saúde (Parrott & Kreuter, 2011; Nan & Thompson, 2020) quer da comunicação de ciência (Trench & Bucchi, 2010; Magalhães & Ruão, 2018).

Importa garantir aqui um debruçar sobre questões que se prendem com a preocupação sanitária sobre os efeitos do tipo de cura em causa divulgado. Um pouco atrás, foi analisado que, na rádio, as garantias de cura eram quase totais. Na casa, o que se diz foi mudando, ainda que, de modo inicial, a confiança se mantivesse, sobretudo por os médicos darem conta de que o retorno das pessoas era positivo: a toma estava a ser feita por pessoas mais socialmente célebres e que várias inclusivamente estavam a deixar tratamentos hospitalares e a substituí-los por tomas do produto que estavam a vender. Nesse encontro, o repórter vê aflorar uma evidência algo crítica: a possibilidade de diarreia severa, com o beber do líquido. O argumento apontado por um dos médicos é que “libertará do sistema o líquido que não é suposto ficar no sistema” (Anas, 2020). No início da peça, faz-se menção às mais de 140 mil mortes que a OMS noticia anualmente em África, na sequência da toma de produtos como este. Sem esquecer que o investimento nas infraestruturas no continente africano é fraco (Ogola, 2020) e que as pandemias, tais como outras no passado, criam oportunidades para o charlatanismo (Freckelton, 2020), o impacto negativo na saúde das pessoas importa para aqui.

No que toca ao jornalismo de investigação, é também importante entender que a colaboração de diversos agentes pode revelar-se essencial, para a confrontação da informação do jornalista, como foi o caso da envolvência tanto da Ghana Standards Authority, com o teste toxicológico, como da Food and Drugs Authority, com a análise do produto e a ação no terreno, que resultou na detenção da dupla de médicos, demonstradas na reportagem. Numa tentativa de combinar toda uma série de dados, buscando o seu tratamento e fazendo-os resultar em informação propriamente dita e numa mensagem a transmitir (McQuail & Windahl, 1996; Fiske, 1990; Thayer, 1979), o

jornalismo de investigação, por conseguinte, apresenta potencialidades no sentido de ir mais além na tarefa de informar, possibilitando contributos para a mudança social.

Com a reportagem, depreende-se claramente que a comunicação, a capacidade de percepção e resposta individuais e o contexto se revelam preponderantes para a propagação da ideia dos médicos Abdellah. Tal como Fiske (1990) dá conta na sua conceção, estudar a comunicação implica perceber o contexto em causa, sem esquecer o que se transmite e mediante que significados e referentes, assumindo que há a transmissão de mensagens ainda que sob uma estrutura dinâmica. Aplicando à prática, a receção por parte de uma pessoa de uma mensagem transmitida via rádio, um meio tido como credível (Tsifati et al., 2020; Freelon & Wells, 2020), num país ainda influenciado por práticas espirituais e pelo consumo das rádios comunitárias, poderia levar a mesma pessoa, em caso de efetiva adoção, a enfrentar possíveis consequências, após a reação positiva ao produto pré-aquisição, potencialmente danosas para a sua saúde.

Da análise feita ao longo desta secção, lança-se outro debate: que limites deve ter o jornalismo de investigação na resolução de problemas sociais? Outra questão a debater poderá ser: até que ponto devem os Estados interferir em questões espirituais como forma de combater falsas curas e potencialmente perigosas para a saúde das suas populações? Um último questionamento ainda deverá incidir sobre como deverão os Estados procurar controlar o alastramento de conteúdos desinformativos.

7. Considerações Finais

Com a análise inicial da reportagem e a definição dos objetivos iniciais, que deram origem à teorização levada a cabo, a devida análise de conteúdo categorizada por temas procurou debater o conteúdo dos objetivos. Nesta secção, responde-se aos mesmos e fazem-se algumas anotações conclusivas.

O primeiro objetivo era perceber como a desinformação nos média tradicionais pode acontecer. A disponibilização de um espaço de divulgação numa estação radiofónica mostra que a desinformação nos média pode começar por decisões do

próprio meio de comunicação social. Sabe-se que, havendo uma grande procura por curas para a COVID-19, esta fórmula captaria uma atenção acrescida, mesmo que revelando estar a aguardar certificação. É aqui que entra a necessidade de se apostar na comunicação de saúde, em articulação com a comunicação de ciência, como forma de evitar o consumo de informação de risco. Relembre-se que a reportagem indica que mais de 140 mil pessoas são mortalmente afetadas por ano no continente africano, na sequência da adoção de práticas resultantes do recurso ao charlatanismo e à bruxaria.

Depois, explorou-se o contexto cultural e o seu impacto na comunicação, na produção de mensagens e em como a informação transmitida é consumida, sob a forma de mensagens. Se o Governo ganês tem autoridades de saúde que estipulam a necessidade de certificação de produtos medicinais para a cura do Coronavírus e há ofertas paralelas e tidas como credíveis por um grupo de pessoas, com uma base espiritual, denotam-se divergências ao nível dos conteúdos recebidos socialmente, em comparação com o que é transmitido pelas mesmas autoridades. Isto porque a população do Gana, geralmente, tende a privilegiar uma ligação ao domínio espiritual, descurando os avanços da Medicina que as instituições governamentais procuram fomentar.

Finalmente, porque a desinformação acontece também além dos média digitais, surge o jornalismo de investigação, com uma ação de desconstrução da realidade. Desconstrói porque confronta posições, comprováveis com a informação transmitida aos jornalistas, nesse processo comunicativo dinâmico que Fiske (1990) enuncia e que se complementa com o recurso à comunicação com as diversas fontes direta ou indiretamente ligadas ao evento enunciado por Ericson et al. (1987, citado em McQuail & Windahl, 1996). Acaba por se concluir que esta prática jornalística pode ter efeitos combativos no que toca à desinformação, como comprova a reportagem analisada, em que as autoridades policiais detiveram os médicos.

No caso concreto da reportagem “Coronavirus: Ghana 'quack doctors' selling 'cure'”, depreende-se que o jornalismo de investigação foi além do papel expositivo, tendo exercido um papel interventivo. Uma realidade oculta foi revelada e confrontada

com várias fontes, tendo-se chegado a uma intervenção de desmantelamento do esquema, paragem na produção e comercialização do produto líquido dado como cura para a COVID-19 e detenção dos dois médicos Abdellah. Serve também esta peça jornalística para mostrar a importância de se continuar a investir neste tipo de peças, bem como a sua posterior divulgação nos meios digitais, como se tratou do caso. Entre outros exemplos, identificam-se os *websites* da BBC, BBC News e BBC Africa e as respetivas páginas do Facebook e Instagram.

Recomenda-se que se leve cada vez mais em consideração o combate à desinformação seja pelos governos dos Estados em geral seja pela própria sociedade civil, como forma de prevenir o recurso a certas práticas potencialmente danosas para as vidas humanas. Mais se evidencia que através e pelos próprios média se pode ajudar neste combate. Recomenda-se que haja uma maior incidência em estudos ao nível da comunicação deste tipo de mensagens, desenvolvimento de conteúdos e posteriores possíveis consequências, sem esquecer o contexto cultural e como neste se produz sentido que guia as interações sociais. Tendo-se este trabalho focado de modo incisivo no conteúdo da reportagem, sugere-se que mais trabalhos possam vir a debruçar a sua atenção sobre as práticas discursivas de peças jornalísticas como esta, de forma a mostrar a força do discurso.

Referências

Adinkrah, M. (2017). *Witchcraft, Witches, and Violence in Ghana*. Nova Iorque; Oxford: Berghahn Books [eBook]. Retirado de <https://www.jstor.org/stable/j.ctt9qcswd>

Adu-Gyamfi, S. (2016). Spiritual and indigenous healing practices among the Asante people of Ghana: a testimonial from twenty-first century practitioners and recipients in Kumase. *Journal of Basic and Applied Research International*, 12(1), 39-50. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/281748186_SPIRITUAL_AND_INDIGENOUS_HEALING_PRACTICES_AMONG_THE_ASANTE_PEOPLE_OF_GHANA_A_TESTIMONIAL_FROM_TWENTY-FIRST_CENTURY_PRACTITIONERS_AND_RECIPIENTS_IN_KUMASE

- Anas, A. A. (2020, 29 de Junho). Coronavirus: Ghana 'quack doctors' selling 'cure'. *BBC News*. Londres. Retirado de <https://www.bbc.com/news/av/world-africa-53199190/coronavirus-ghana-quack-doctors-selling-cure>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barimah, K. B. (2016). Traditional healers in Ghana: So near to the people, yet so far away from basic health care system. *TANG [HUMANITAS MEDICINE]*, 6(2), 9.1-9.6. <https://doi.org/10.5667/tang.2016.0004>
- Barros, M.; Camará, F. T. (2015). Rádios Comunitárias e processos de recriação da cidadania ativa na Guiné-Bissau: sentidos de pertença, direito à voz e apropriação do espaço. In L. Bussotti, M. Barros & T. Grätz (Eds.), *Media Freedom and Right to Information in Africa* (pp. 31-44). Lisboa: Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa [eBook]. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10071/9403>
- Bennett, W. L.; Livingston, S. (2018). The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. *European Journal of Communication*, 33(2), 122-139. <https://doi.org/10.1177/0267323118760317>
- Boateng, E. A.; Fage, J. D.; Davies, O.; Maier, D. J. (2020, 1 de Abril). *Ghana*. Encyclopædia Britannica. Retirado de <https://www.britannica.com/place/Ghana>
- Coelho, P.; Silva, M. T. (2018). O lucro social e financeiro do jornalismo de investigação. *Media & Journalism*, 18(32), 73-94. https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_6
- Darko, S. A. (2020). Investigative journalism in Ghana: balancing public interest and individual privacy. *Cogent Social Sciences*, 6(1), 1-19. <https://doi.org/10.1080/23311886.2020.1772444>
- Duru, W. (2020). Obstacles to Effective Practice of Investigative Journalism. *International Journal of Social, Politics & Humanities*, 7(1), 39-48. Retirado de <https://zamburut.com/wp-content/uploads/2020/04/Practice-Journalism.pdf>
- Fallis, D. (2015). What Is Disinformation? *Library Trends*, 63(3), 401-426. <https://doi.org/10.1353/lib.2015.0014>
- Fiske, J. (1990). *Introdução ao Estudo da Comunicação*. Porto: Edições Asa.
- Freckleton, I. (2020). COVID-19: Fear, quackery, false representations and the law. *International Journal of Law and Psychiatry*, 72, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2020.101611>
- Freelon, D.; Wells, C. (2020). Disinformation as Political Communication. *Political Communication*, 37(2), 145-156. <https://doi.org/10.1080/10584609.2020.1723755>

- Gerbner, G. (1956). Toward a General Model of Communication. *Audio Visual Communication Review*, 4(3), 171-199. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/30218421>
- Gilbert, M.; Pullano, G.; Pinotti, F.; Valdano, E.; Poletto, C.; Boëlle, P.; D’Ortenzio, E.; Yazdanpanah, Y.; Eholie, S. P.; Altmann, M. U. G.; Gutierrez, B.; Kraemer, M.; Colizza, V. (2020). Preparedness and vulnerability of African countries against. *The Lancet*, 395(10227), 871-877. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30411-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30411-6)
- Henriques, C. M. P. (2018). A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. *RECIIS*, 12(1), 9-13. <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i1.1513>
- Hornberger, J. (2019). Who is the fake one now? Questions of quackery, worldliness and legitimacy. *Critic Public Health*, 29(4), 484-493. <https://doi.org/10.1080/09581596.2019.1602719>
- Hunter, M. L.; Hanson, N.; Sabbagh, R.; Sengers, L.; Sullivan, D.; Svith, F. T.; Thordsen, P. (2011). *Story-based inquiry: a manual for investigative journalists*. França: UNESCO. Retirado de <http://wayback.archive-it.org/10611/20160906193350/http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001930/193078e.pdf>
- Kaledzi, I. (2016, 25 de Março). Too many churches in Ghana? *DW*. Retirado de <https://www.dw.com/en/too-many-churches-in-ghana/a-19140778>
- Magalhães, R.; Ruão, T. (2018). A imagem da ciência e dos cientistas: retratos de um estudo na Universidade do Minho. *Observatorio (OBS*) Journal*, 12(3), 195-223. <https://doi.org/10.15847/obsOBS12320181077>
- Mascarenhas, O. (2009). *O detective historiador: o jornalismo de investigação e a sua ética*. Dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10071/1894>
- McQuail, D.; Windahl, S. (1996). *Communication models for the study of mass communications*. Londres: Longman Publishing.
- Nan, X.; Thompson, T. (2020). Introduction to the Special Forum on “Public Health Communication in an Age of COVID-19”. *Health Communication*, 35(14), 1705-1706. <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1840754>
- Nsiah, I. O. (2020). *Africa: Covid 19 and the Future of Economic Integration*. Oxford: University of Oxford - African Studies Centre. Retirado de <https://ssrn.com/abstract=3607305>
- Ogola, G. (2020). Africa and the Covid-19 Information Framing Crisis. *Media and Communication*, 8(2), 440-443. <http://dx.doi.org/10.17645/mac.v8i2.3223>

Ohene, E. (2011, 22 de junho). African viewpoint: False prophets? *BBC News*. Londres. Retirado de <https://www.bbc.co.uk/news/world-africa-13816050>

Parrott, R.; Kreuter, M. W. (2011). Multidisciplinary, Interdisciplinary, and Transdisciplinary Approaches to Health Communication. Where Do We Draw The Lines? In T. L. Thompson, R. Parrott & J. F. Nussbaum (Eds.) *The Routledge Handbook of Health Communication* (pp. 3-17). Nova Iorque & Oxon: Taylor & Francis.

Pinto-Coelho, Z. (2019). Análise (crítica) do discurso e análise de conteúdo: afinam pelo mesmo diapasão? In P. Serra & A. Gradim (Eds.), *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona* (pp. 21-44). Covilhã: Editora LabCom. Retirado de <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/344>

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (Ed.) 2008. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Seytre, B. (2020). Erroneous Communication Messages on COVID-19 in Africa. *The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, 103(2), 587-589. <https://doi.org/10.4269/ajtmh.20-0540>

Sheeren, M. A; Bashir, N.; Siddique, R. (2020). COVID-19 infection: Origin, transmission, and characteristics of human coronaviruses. *Journal of Advanced Research*, 24, 91-98. <https://doi.org/10.1016/j.jare.2020.03.005>

Silva, B. (2000). O âmago da comunicação educativa. *Cadernos do Noroeste, Comunicação e Sociedade* 2, 14(1-2), 689-710. [https://doi.org/10.17231/comsoc.2\(2000\).1430](https://doi.org/10.17231/comsoc.2(2000).1430)

Snape, D.; Spencer, L. (2003). The Foundations of Qualitative Research. In J. Ritchie & J. Lewis (Eds.), *Qualitative Research Practice. A Guide for Social Science Students and Researchers* (pp. 2-23). Londres, Califórnia & Nova Deli: SAGE Publications.

Thayer, L. (1979). *Comunicação, Fundamentos e Sistemas*. São Paulo, Brasil: Atlas.

Trench, B.; Bucchi, M. (2010). Science communication, an emerging discipline. *Journal of Science Communication*, 9(3), 1-5. <https://doi.org/10.22323/2.09030303>

Tsfati, Y.; Boomgaarden, H. G.; Strömbäck, J.; Vliegenthart, R.; Damstra, A.; Lindgren, E. (2020). Causes and consequences of mainstream media dissemination of fake news: literature review and synthesis. *Annals of the International Communication Association*, 44(2), 167-173. <https://doi.org/10.1080/23808985.2020.1759443>

The United Nations Department of Global Communications (2020, 31 de Março). *UN tackles 'infodemic' of misinformation and cybercrime in COVID-19 crisis*. Nova Iorque. Retirado de <https://www.un.org/en/un-coronavirus-communications-team/un-tackling-%E2%80%98infodemic%E2%80%99-misinformation-and-cybercrime-covid-19>

WHO Africa. (2019, 12 de Dezembro). *Traditional healers broaden health care in Ghana*. Brazzaville. Retirado de <https://www.afro.who.int/photo-story/traditional-healers-broaden-health-care-ghana>

Pedro Eduardo Oliveira Ribeiro

Licenciado e mestre pela Universidade do Minho em Ciências da Comunicação, tendo-se debruçado sobretudo sobre o estudo de assuntos ligados às áreas do Jornalismo, das Relações Públicas e dinâmicas dos meios digitais, ao longo do seu percurso académico. Atualmente, é estudante do curso de doutoramento do mesmo curso pela mesma instituição académica. Universidade do Minho

Artigo submetido em 18/08/20 e aceite em 04/12/20.